

RE: Relatos que inspiram



A cada edição temos o prazer de conhecer e compartilhar boas práticas que podem servir de exemplo e incentivo para os colegas de profissão. Desta vez não foi diferente e descobrimos dois projetos de Educação Física escolar que são exemplos de criatividade. Os relatos, você acompanha com a gente.

De Pernambuco, apresentamos um projeto interdisciplinar que incentivou a prática de atividades físicas além da escola. Através dele, alunos da rede estadual elaboraram um jornal escolar que foi distribuído à população garanhuense. De Minas Gerais, conhecemos uma aula que tem feito sucesso entre os pequenos ao reinventar jogos e brincadeiras tradicionais fazendo uso de tendências atuais. O Pokémon Go foi um dos jogos reinventados que chamou a atenção dos alunos.



PROJETO CRIA JORNAL ESCOLAR COM SAÚDE COMO TEMA

Engana-se quem pensa que as aulas de Educação Física se limitam às quadras, campos ou tatames. Elas trabalham também a cognição, muitas vezes, por meio de ferramentas não necessariamente esportivas. Prova disso é o trabalho desenvolvido pelo professor Alysson da Rocha Silva [CREF 002334-G/AL], da Escola São Cristóvão, localizada na cidade de Garanhuns, em Pernambuco. O projeto interdisciplinar "Jornal Escolar: Educação Física em Ação" desenvolve habilidades de Português e Matemática, além de questões sociais e psicológicas, marcando a conclusão do Ensino Fundamental de alunos da rede pública.

O projeto atende uma iniciativa do Governo do Estado de Pernambuco, que implementou o chamado Trabalho de Conclusão do Fundamental (TCF). Funciona assim: os alunos da rede estadual que estão se formando dividem-se em grupos, sendo cada um orientado por um professor.

Alysson, ciente da sua missão de contribuir com uma sociedade mais saudável, aproveitou para fazer os alunos refletirem sobre uma pesquisa do Ministério da Saúde, divulgada em março de 2017, que apontou a cidade de Recife como a 10ª capital da federação com maior prevalência de excesso de peso, 6ª com mais diabéticos e 2ª com mais hipertensos. "O objetivo foi proporcionar aos alunos momentos de pesquisa e estudo sobre esse problema tão atual, como também provocar neles uma visão crítica sobre o assunto", explica o Profissional de Educação Física.



O jornal foi distribuído pelos próprios alunos a moradores da região

A proposta previa que os alunos montassem um jornal escolar, cujas pautas seriam voltadas à saúde, alimentação e atividade física, tendo como gancho a pesquisa. Mãos na massa: Alysson começou o trabalho promovendo um debate sobre o tema, que foi seguido de muita pesquisa, que não se restringiu a sites de busca – pelo contrário: "Eles elaboraram questionários e foram em busca de dados primários", de fato, como pesquisadores. Eles também entrevistaram outra professora de Educação Física da instituição.

Informações colhidas, material levantado, pesquisas feitas, hora de escrever. "A atividade foi interdisciplinar. Eles trabalharam o desenvolvimento de texto e utilizaram gráficos para tratar de temas relaciona-



dos à Educação Física”. Matérias escritas, mais um debate, dessa vez, para organizar o jornal. “Eles definiram como gostariam que fosse a diagramação, e eu fui montando no programa no computador, do jeito que eles indicavam”, explica Alysson.

Jornal pronto, hora de colocá-lo nas ruas. “Os alunos abordaram pessoas que passavam próximo à escola para explicar o trabalho e entregar um exemplar. Eu deixei essa tarefa para os mais tímidos, dando a eles a oportunidade de trabalhar esse ponto. Da mesma forma, pedi para que os mais extrovertidos fossem responsáveis pela elaboração dos textos e, assim, eles puderam exercitar mais a concentração”.

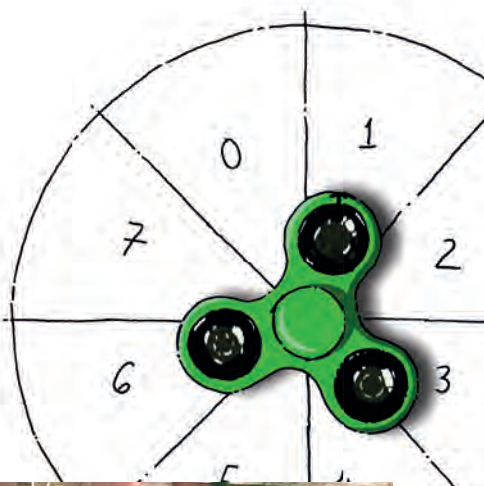
No fim das contas, a distribuição dos impressos nas ruas também buscou conscientizar e incentivar a prática de atividades físicas junto à população.

“Os alunos ficaram muito motivados porque a comunidade começou a ver o trabalho que eles produziram, principalmente depois que recebemos o destaque no Prêmio Professores do Brasil. Quando recebi a notícia de que o trabalho seria pauta da revista do CONFEF, contei para uma das alunas. Ela ficou muito feliz”. E com razão. Afinal, foi o primeiro trabalho científico dos adolescentes, que têm entre 13 e 15 anos. “É uma iniciação científica que certamente fará diferença no futuro deles”.

PROJETO USA TENDÊNCIAS PARA REINVENTAR JOGOS TRADICIONAIS

Conectar-se à internet, ligar o GPS, apontar a câmera, lançar a pokebola e pronto: Pokémon capturado. No jogo, que foi sucesso entre 2016 e 2017, com mais de 650 milhões de downloads, quanto mais personagens fossem capturados, maior é a pontuação. Em Abaeté, Minas Gerais, algumas crianças se tornaram exímios jogadores sem utilizar celulares, tablets ou wi-fi. São os alunos da Escola Estadual Barão do Indaiaí. Isto porque o professor de Educação Física Reinaldo Maciel do Carmo [CREF 019774-G/MG] deixou de lado a realidade aumentada e colocou a criançada para correr com uma brincadeira antiga, uma mistura de pique-pega com queimada, que ele, estrategicamente, apelidou de “Pokémon Go” da vida real.

“A distribuição dos impressos nas ruas também buscou conscientizar e incentivar a prática de atividades físicas junto à população”



Ele organizou os alunos da mesma forma que o jogo virtual: um participante era o Treinador pokemón e todas as outras crianças eram os Pokémons. O caçador portava uma bola vermelha, que representava a Pokebola e a atirava nos outros participantes com o objetivo de atingi-los e, assim, capturá-los, como no jogo. “Na escola só se falava de Pokémon Go, mas como muitos alunos vêm de família humilde, em sua maioria, não tinham acesso a celulares ou tablets que suportassem o aplicativo. Mas eles queriam fazer parte da moda, claro. Para incluí-los, eu criei a brincadeira adaptada”. Assim, vivenciar um jogo de Pokemón, ser um Pokemón, os trouxe à realidade do jogo.



E a nova moda pegou. “Foi uma febre. Eles passaram a só falar disso. Acabou aquela loucura por um celular para baixar o aplicativo”. Prova disso é a arquibancada, onde ficavam os alunos que não participavam da aula. Antes ficavam entre 10 e 15 alunos e agora está praticamente vazia. “Eu nem preciso chamar mais para que todos participem, eles fazem questão”. O sucesso foi tanto, que os alunos da manhã, que não têm aula com o Professor Reinaldo, também começaram a pedir as brincadeiras. A escola conta com cerca de 350 estudantes, entre 6 e 12 anos, do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. E o Pokémon Go mineiro passou por todos.



E não só ele, mas também o pique-pegas do combate à Dengue, as leis de trânsito inspiradas no filme Carros 3, a ponte do Piratas do Caribe, a queimada com spinner, o arco do Arrow (série de televisão) e a brincadeira dos Minions e do Capitão Sujão. Todos os exemplos são brincadeiras antigas e tradicionais adaptadas para a atualidade. “Eu fico ligado no que está fazendo mais sucesso entre as crianças e insiro referências de cada moda que surge na queimada, em todos os piques, ou em combinações entre eles”. O resultado? Basta perguntar para os alunos de quais brincadeiras eles mais gostaram e quais querem repetir: “Todas entram na lista”.

Aliás, o que não falta são comprovações de que a ideia realmente deu certo. “Quando eles têm algum médico para ir, já pedem aos pais: ‘No dia da Educação Física não’. Até mesmo em casos de emergência, como um falecimento, em que os pais vão buscar o filho mais cedo, no meio da aula de Educação Física, eles saem reclamando”. O aspecto lúdico das atividades, faz com que os alunos absorvam os fundamentos e conteúdos da disciplina com leveza. Isto porque, como toda atividade de Educação Física escolar elaborada por um profissional, as brincadeiras adaptadas do professor Reinaldo têm um objetivo educacional.

No caso do pique-pegas do combate à Dengue (em que o pegador está munido de um mosquito feito de material reciclável e os participantes infectados devem deitar-se no chão, já que estariam doentes), a parte educacional concentra-se nos aprendizados sobre o combate à doença. Já na brincadeira das Leis de Trânsito, inspirada no filme Carros 3, eles aprendem como funciona o trânsito, seus direitos e deveres como pedestres. “Em todas as brincadeiras eles conseguem se divertir com aparatos simples e tradicionais”.

De acordo com o professor, essa metodologia lúdica ainda favorece o exercício igualitário entre os sexos, uma vez que não há brincadeira de menino e de menina. “Antes, não ocorria essa interação. Agora, todo mundo se diverte junto”.

Envie a sua experiência

Nós queremos conhecer a sua experiência, seja ela na escola, academia, hospital, clube ou qualquer outro segmento. Envie o seu relato para o e-mail revistaef@confef.org.br e teremos o maior prazer em compartilhá-lo com os demais profissionais.
